

Os últimos heróis do Municipal

No futebol a memória é curta e muitos são os “contentores” de jogadores que chegam ao futebol todos os anos. Mas poucos são os cromos que se colam aos gritos de apoio das claques e ao miocárdio dos adeptos. Clube de tradições, a Académica tem “fabricado” poucos ídolos ultimamente, mas nas ruas de Coimbra A Cabra cruzou-se com uma geração que deixou saudades.

Por Rui Pestana (texto) e Susana Ventura (fotos)

Era uma vez três portugueses e um albanês. Rocha, Mickey, Rui Campos e Abazi já não escondem os cabelos brancos, mas ainda recordam os golos e as claques que viram passar pelo antigo Calhabé. Todos concordam que a saudade não tem lugar no mundo do futebol, mas para estes antigos jogadores que mantêm uma forte ligação a Coimbra, a Académica teve, para o bem ou para o mal, uma marca nas suas vidas.

Ainda na época passada foi capitão da equipa principal da Académica. Hoje, Miguel Rocha é um dos principais responsáveis pelo departamento de fisioterapia dos “estudantes”. “Em termos de futebol sénior foram 18 anos” relembra o jogador que tem mais de 100 jogos na Superliga ao serviço do clube da Briosa. Académico desde as escolinhas, o percurso de Rocha fez-se de poucas mudanças: “Fui progredindo sempre, desde os infantis, iniciados, juvenis, juniores, depois passei para os seniores e agora sou veterano” reforça o antigo capitão.

Miguel Lopes nunca chegou a ver o nome impresso nas camisolas negras da Briosa. Há sete anos era um dos ídolos do clube mas todos o conheciam por Mickey. A aluna vem dos bancos de escola, provavelmente devido à baixa estatura do jovem Miguel. Começou a jogar futebol nas escolinhas do Sporting de Pombal e cedo os olheiros da Académica deram por ele: “Vim para cá muito novo, com 16 anos. Sai de casa dos meus pais e vim com algumas expectativas e muitos sonhos”. Depois de dois anos

nos juniores do clube, vieram os empréstimos para o Brasfemes, Mirandense e finalmente à Naval. Acabou por convencer e regressou à Académica, mas a carreira terminou de forma triste e prematura após passagens fugazes pelo Cam-pomaiorense e Espinho.

A médio ou a lateral direito, Rui Campos percorreu todas as divisões nacionais. A formação foi feita na Académica, mas quando se deu a transição para os seniores, um grave problema físico na coluna quase lhe amputou a carreira. A sua conta e risco tentou a sorte na Secção de Futebol da AAC e as coisas até lhe correram bem: “Fiz uma época muito boa nos distritais, soube-me muito bem porque era um ambiente universitário e entretanto tinha entrado na universidade”, recorda. O Brasfemes, clube satélite da Académica, pegou nele e no ano seguinte dá o salto para o plantel principal da Briosa. Contudo, as oportunidades eram escassas e pediu ao treinador Vítor Manuel que o emprestasse à Naval.

A afirmação e o regresso a Coimbra acabaram por surgir naturalmente e actualmente Rui Campos conta com “150 jogos ao serviço da Académica em cinco ou seis anos.” A carreira terminou na Naval depois de uma “saída triste” da Académica: “Estava para me formar e desde há muitos anos que nenhum jogador terminava uma licenciatura a jogar na Académica...”, lembra com alguma mágoa.

Com sotaque dos Balcãs, Edouard Abazaj explica que “Abazi é mais curto, portanto é melhor



Rui Campos lançou um projecto pessoal ligado à formação de novos jogadores

para o futebol”. Abazi jogou na Académica durante mais de três anos, na altura era normalmente chamado a jogar a defesa, mas o albanês explica que nem sempre foi assim: “Fui o melhor marcador do Dinamo Tirana e saí da Albânia como o melhor marcador do campeonato”. A polivalência só surgiu por acaso “no Hajduk Split, da Croácia, onde, numa experiência contra a equipa do Tottenham, na Taça UEFA, o meu treinador experimentou-me como central. Resultou muitíssimo bem”. Apesar dos anos já pesarem, Abazi continua a ter o discurso bem treinado: “Nunca fui um jogador estrela e nunca disse que não a lugares que os meus treinadores achavam que eu podia fazer”. Mas os sorrisos também são confidentes secretos e “todas as crianças gostam mais de jogar a avançado e marcar golos”, confessa.

O futebol e a universidade

“Eu nunca faltei a um treino para ir a uma aula”, afirma Rui Campos, invocando o profissionalismo. Juntamente com Rocha e Mickey, Rui Campos foi um dos jogadores que a par de uma carreira desportiva seguiu um percurso académico.

As recordações são muitas e estendem-se durante os nove anos que em que Rui Campos frequentou o curso de Engenharia Electrotécnica. O antigo jogador e estudante reconhece: “Não fiz grandes sacrifícios para estudar. Podia-me ter formado em seis ou sete anos”. Saídas nocturnas, “só às segundas ou em fins-de-semana em que não tivéssemos jogos”, avisa prontamente o antigo jogador. Mas o ambiente de universidade esteve sempre presente: “Tive excelentes colegas que me ajudaram e fazia questão de, muitas vezes ir às cantinas, apesar de ser de Coimbra”.

A estabilidade futura que um

curso superior pode trazer é a principal razão apontada por Rocha para ter voltado a estudar. “Quando uma pessoa tem 18 anos vive sempre um bocadinho a ilusão do futebol...”. Os sonhos de uma carreira com outros horizontes, mais dinheiro e reputação chegaram a pensar para o antigo jogador da Académica. O sonho de fazer uma carreira maior foi-se esfumando: “Vivi a ilusão do futebol mas aí com 26 anos achei que deveria começar a estudar”. Foi nessa altura que terminou o 12º ano e entrou no curso de fisioterapia”.

Para Mickey, o jogador-estudante pode trazer algo mais a um clube como a Académica. “Jogadores que estudavam na universidade e que sentem a Académica de uma forma diferente” podem, na opinião do antigo jogador, “ir buscar forças onde às vezes nem imagina-

mos que as há”. Mas o curso de Engenharia Civil continua por fazer: “Neste momento faltam-me cinco cadeiras semestrais, na altura em que deixei de jogar futebol faltavam-me muitas mais”, mas o antigo médio irrequieto já desenvolve trabalho no ramo.

Rui Campos vê mais que as capangas negras na tradição da Académica: “Nos anos 60 e 70 a Académica andou 30 ou 40 anos à frente porque é um pouco o modelo que têm hoje as universidades americanas e o modelo que alguns clubes querem implementar”. A proposta do antigo jogador passa pelo apoio da universidade, com o aumento da entrada de alguns jogadores fora dos números clausus para o curso que pretendem. Uma ideia que, na opinião de Rui Campos, “pode ser altamente competitiva nas camadas jovens e conseguir tirar ao Por-



O próximo desafio do treinador Abazi passa pela manutenção do Penelense

Os veteranos

O Núcleo de Veteranos da Académica é constituído por antigos jogadores do clube, que perpetuam a mística de gerações de futebolistas que viveram os melhores anos da Académica. Jogadores internacionais, finalistas da Taça de Portugal, atletas que dedicaram uma vida inteira à Académica, fazem parte deste grupo nomes como José Belo, Crispim, Gervásio, Mário Campos, Vítor Campos, Rui Campos, Pedro Xavier, Marques, Paulo Ferreira, Marcelo, Rui Silva, Mickey, Rocha, entre outros.

A equipa de veteranos joga apenas quando é convidada. Vai a festas populares, viaja pela província e pretende continuar a espalhar o nome do clube.

Para Rui Campos estas gerações de jogadores deveriam ser postas, ainda hoje, “ao serviço da Académica”. Na opinião do “delfim”, a Académica tem muito a ganhar com essa história pois “isso é que alimenta a paixão dos adeptos”.

A inauguração do estádio foi, para Rui Campos, uma oportunidade perdida: “Teria sido um ótimo momento em que podia ter sido feita uma homenagem aos jogadores que pisaram o antigo Calhabé durante anos a fio e que foram esquecidos”.

No passado sábado realizaram-se eleições no Núcleo de Veteranos da Académica. A lista vencedora foi encabeçada por José Belo e dos elementos mais novos ressaltam os nomes de Mickey e Rui Campos: “Nós os mais novos sentimos que estava na hora de darmos alguma coisa ao núcleo. É uma forma de o dinamizarmos, de o renovar”.



Após deixar o futebol, Rocha chefia o departamento de fisioterapia da Académica

to, Benfica e Sporting, jogadores que mostram qualidade aos 13 e 14 anos". O remate final: "A Académica pode ter grandes mais valias por ter um jogador na universidade": uma grande dedicação e ligação ao clube, menores custos e maiores dúvidas na hora da saída para outro emblema são algumas das vantagens do jogador-estudante que Rui Campos aponta.

As tristezas

Aos 28 anos Mickey abandona a bola, depois de uma enorme desilusão com o futebol. A partir daí, nunca mais entrou num estádio.

"Saí da Académica no meio de uma história muito mal contada". Foram promessas de empresários e da direcção da Académica na altura que o "empurraram" para fora do clube, afirma Mickey. O antigo jogador conta que lhe foi oferecida "uma proposta muito boa" num clube de Espanha mas que a ideia seria ir para o Campomaiorense e depois, em Dezembro, seguir o percurso para Espanha. Mickey ainda hoje não esconde algum nervosismo pela situação: "O que é certo é que quando assinei pelo Campomaiorense foi a última vez que estive com o empresário em questão...".

"Foi o primeiro grande choque que eu tive no futebol" recorda Mickey. O jogador assegura que jamais trocaria a Académica por um clube que estava na Superliga mas que não tinha para ele o mesmo significado. "Fui enganado pelas pessoas em que eu acreditei, pelo clube que eu mais gostava...", afirma o antigo jogador da Briosa.

No ano seguinte o regresso parecia possível. Depois de convites para continuar em Campo Maior, "fui contactado para voltar à Académica e recusei o Campomaiorense" recorda Mickey. No entanto, e segundo o ex-jogador, o contrato nunca chegou. Após uma longa baforada no cigarro Mickey relata: "Esperava que perante a impossibilidade de eu regressar não me tivessem respondido 'tenho pouca rede já te ligo' há cinco anos

tas pessoas que jogam com as emoções, jogam com os sentimentos para estarem nos cargos".

Rui Campos foi outro dos jogadores emblemáticos da Académica que não terminou a carreira no clube. Depois de divergências entre o jogador, treinadores e dirigentes, a continuidade de Rui Campos no clube ficou dependente da saída do treinador José Romão. No final da temporada, José Romão abandonou a Académica mas "a intenção da direcção foi de que eu não continuasse", recorda. O jogador afirma que, emocionalmente, a situação está ultrapassada mas não esquece que "os dirigentes da altura portaram-se de forma lamentável porque sabiam qual tinha sido a minha postura. Fui um bocinho apalhado no meio...".

As críticas às antigas direcção da Académica continuam por parte de Abazi: "Esses senhores não percebem nada de bola e pelos vistos não trouxeram nada de bom durante esses dois anos". O actual treinador do Penelense é peremptório ao afirmar que "no mundo do futebol não devem entrar pessoas que não percebem nada de bola".

Abazi acredita que Mickey, Rocha e Rui Campos "poderiam ser um exemplo diferente no clube com um respeito diferente na Académica". A ideia seria integrar estes jogadores na estrutura do clube e "parece-me que estes senhores

estão um pouco esquecidos. Se assim fosse a Académica estaria numa situação muito melhor" termina Abazi.

O pontapé no futebol

"Deixei de jogar mas não deixei o futebol". Após o abandono dos relvados, Rocha trouxe para Académica um departamento de fisioterapia. Nas palavras do antigo capitão "foi um casamento perfeito, porque estava na altura da Académica ter um quadro destes". Fazer um acompanhamento diário dos jogadores em termos físicos e tentar recuperá-los de uma forma mais célere são os objectivos.

O curso de Engenharia Civil é agora a principal preocupação de Mickey. Os planos passam por terminá-lo ainda este ano e, "ultrapassado o trauma da saída da Académica", continuar a desenvolver a actividade num gabinete de engenharia em Coimbra.

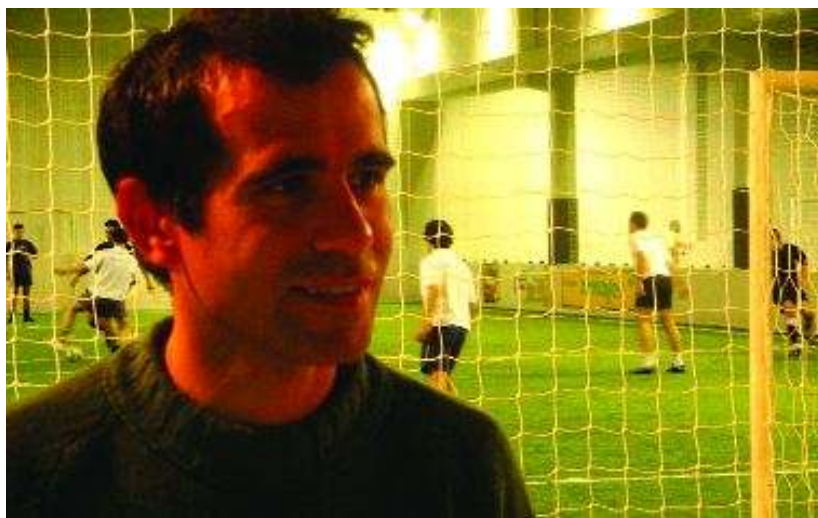
De resto, tanto Rocha como Mickey, continuam a pisar relvados e a manter-se em forma na equipa de veteranos da Académica (ver caixa). Para Mickey o Núcleo de Veteranos é também "uma tentativa de reaproximação à Académica".

O pavilhão N10, na Pedrulha, é um dos locais de encontro dos veteranos da Académica. O N10 é um projecto de Rui Campos que integra uma escola de futebol, aluguer

de campos, e espaços para festas de aniversário. O antigo jogador não hipotecou a Engenharia Electrotécnica, mas revela que "este é um projecto me absorve 100 por cento do tempo e eu também tinha o objectivo pessoal de trabalhar com crianças".

Depois de ter passado pela Croácia, Hungria, França, Inglaterra e por vários clubes em Portugal, Abazi estacionou em Coimbra. É com uma convicção ameaçadora que do alto do seu 1,85m declara: "Deixei de jogar mas não arremei as botas. No meu entender o futebol nunca começou e nunca vai acabar". Neste momento Abazi orienta o Penelense "uma equipa modesta, construída por um plantel de jogadores-trabalhadores. Trabalham durante o dia e têm de fazer mais um esforço à noite para treinar". Para este ano o objectivo é "manter o Penelense". Para o ano, diz, é possível subir à 3ª divisão, mas avisa: "só fico se conseguir o plantel que quero".

A carreira de treinador é para seguir, até porque Abazi acredita que "os antigos jogadores têm toda a capacidade técnica para treinar e orientar equipas". Licenciado como professor de Educação Física e diplomado como treinador de futebol, Abazi confessa que o desporto é a única área que domina e sublinha: "Nunca vou meter o nariz nos sítios que não percebo".



Mickey espera terminar o curso de Engenharia Civil este ano e exercer a profissão

Rui Campos por Rocha

"Eu e o Rui Campos, pela história familiar, nomeadamente, pelo percurso dos nossos pais, temos laços umbilicais que nos ligam à Académica e a Coimbra. Conhecemo-nos desde pequeninos porque os nossos pais e famílias dão-se bem e frequentávamos os mesmos sítios. Portanto tenho uma relação bastante próxima com o Rui.

Como jogador, não teve uma carreira muito longa mas também, e muito bem, porque optou por terminar a sua formação académica na área da Engenharia Electrotécnica. No futebol, como na vida, era um rapaz inteligente, tinha uma grande capacidade técnica e era também um lutador. Mas por diversas incompatibilidades e por problemas que são públicos, optou por terminar a carreira cedo".

Rocha por Mickey

"O Miguel Rocha foi um exemplo que eu tentei seguir. Para mim, o Rocha foi desde sempre um exemplo a seguir na Académica, um exemplo em termos de aplicação.

Quando eu vim para a Académica já ele cá estava e tinha ligações ao clube muito anteriores às minhas por parte do pai. Foi capitão durante muitos anos e uma pessoa que dedicou, e continua a dedicar, parte da sua vida à Académica. O Miguel teve uma dedicação absoluta à Académica, foi uma pessoa que treinou sempre nos limites, e daí a sua carreira sólida e sustentada na Académica.

Fora de campo era, e continua a ser, uma pessoa com a qual eu mantenho contacto. Um verdadeiro amigo que admiro e de quem gosto".

Mickey por Abazi

"Passaram muitos jogadores por Coimbra, mas a qualidade desportiva e como homem do Mickey é inatingível. No Mickey via-se Académica, ele dava tudo pelo clube. Como em muitos clubes da Europa há lendas, o Mickey é a lenda da Académica.

Tenho pena que o Mickey não tenha ficado na Académica. Não sei porque é que ele não ficou. Se continuasse ainda tinha lugar neste plantel. O Mickey é uma estrela como jogador de futebol e é cinco estrelas como cidadão. Era um verdadeiro amigo, dentro de campo e dentro do balneário.

A Académica devia tratar o Mickey de outra maneira e se o Eusébio tem um busto na Luz... não quero dizer que o Mickey devia ter um busto, mas pelo menos devia ser tratado de uma maneira especial".

Abazi por Rui Campos

"O Abazi tem uma personalidade 'sui generis'. É uma pessoa especial, de uma cultura completamente diferente e que viveu numa ditadura.

Era muitas vezes visto como um albanês que andava chateado... Mas conosco tinha uma grande amizade e, acima de tudo, um grande profissionalismo. Especialmente comigo, com o Mickey e com o Pedro Lavoura, sempre teve uma relação de grande amizade. Nós brincávamos muito, ele era agressivo mas no bom sentido, até nos balneários fingia que nos batia.

Ele soube compreender o que era a Académica. Sempre percebeu que a Académica tinha uma história, muita tradição, que havia valores que valia a pena preservar e valorizar e sempre soube estar".